

SUPLEMENTO
UMORISTICO DE

O SÉCULO

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Lda

Director ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Século, 45—Lisboa

BOLCHEVISMO IMBERBE



- Poque me pende, sr. policia?
—Porque o menino estava a dizer que devia ser suprimido o exército...
—O' sr. policia! Eu refelia-me aos soldadinhos de chumbo...



PALESTRA AMENA

Conforto

Deliciosamente acomodado em seu leito, com uma temperatura axilar de 39 graus e meio, *J. Neutral* está ditando e redigindo esta palestra, graças a um esforço de vontade que o leitor muito deve louvar, porque é o leitor quem lhe impõe esse sacrificio, aliás gostoso de cumprir.

A tal estado chegou *J. Neutral* por varias circunstancias, entre elas a de se ter visto obrigado, após muitas peripécias de vilegiatura, a acolher-se á benéfica hospedagem d'um albergue da Figueira da Foz que dá pelo nome de *Hotel Lisbonense*: do excelente acolhimento adveiu-lhe, entre outros precalços d' somenos importancia, a agradabilissima interite que atualmente o retém na cama, a recordar uns apetitosos *menús* de sardinha, pimenta, sebo e outros ingredientes, com que no referido hotel fizeram jus a uma modestissima diaria de quatro escudos, incluindo o direito de permanecer n'um aposento terreo, com um espelho quebrado, duas cadeiras mutiladas, uma cama com um enxergão de calhaus e a companhia permanente d'um exercito alado de moscas e melgas e d'outro, aptero, de diversos insectos que não designamos pelos seus nomes vulgares porque somos bem educados.

Recomendando o dito estabelecimento a todas as pessoas que viajem e que desejem obter os oito dias de perna estendida que estamos gosando (oito dias, no dizer d'um abalisado clinico), pomos termo a esta palestra, que não é tão amena como de costume, por motivos obvios e temos muito prazer em afirmar que o *Hotel Lisbonense* da Figueira da Foz é o que se pode chamar um hotel... e péras.

J. Neutral.

Mulheres policia

Depois de varias tentativas, que faharam, lá conseguiram os da terra dos gaiteiros ter uma corporação policial feminina, que sobre a masculina apresenta tantas vantagens que muito desejaríamos a adopção entre nós, de



igual sistema. Essas vantagens saltam á vista de qualquer pessoa, por mais burra que seja, mas nunca é de mais insistir:

1.º — Cessa a relutancia que toda a gente possui em dar-se á prisão. Logo que uma senhora diga: «Siga-me!» qual é o homem que se atreve a resistir ao convite?

2.º — Uma das manias dos ladrões, é, como se sabe, não quererem restituir o objecto roubado. Ora, se um gatuño empalmar um relógio, uma bolsa, etc. e se uma dama policial piscar o olho ao patife, qual é o que não põe logo para ali todos os valores que possui?

3.º — O que mais contribue para que a policia macha se distraia dos serviços que lhes estão cometidos é, evidentemente, a influencia que sobre ela possui o sopeirame da capital. Tal influencia deixa de existir logo que a policia seja fêmea.

Muitas outras razões poderíamos aduzir a favor do nosso tema, mas só mais uma apresentaremos e essa affigura-se-nos sufficiente para fazer calar qualquer objecção: a elegancia do corpo policial feminino, com pausinho e tudo!

Outra vez!

Já se anunciou á boca pequena nova grêve do pessoal ferro-viario, que pôde muito bem não se realizar, mas que pode muito mal realizar-se efectivamente, pelo que é conveniente que o publico se vá preparando.

E' claro que muitas idéas nos occorrem, as quais, postas em pratica, evitarão que se faça sentir a falta de com-



boios, mas parece-nos inutil expô-las todas, porque uma basta para que quem tenha necessidade de viajar ou de se servir do trafico ferro-viario fique inteiramente socegado.

Vem a ser a seguinte: ter sempre á mão um burro preparado para o que der e vier, ou melhor, um comboio de burros, aparelhados para cavalaria e para transporte de mercadorias.

Para que os frequentadores de classes de luxo não se vejam obrigados a confundir-se com o vulgo, o referido comboio pode meter cavalos para a 1.ª classe e quiçá camelos para «toilettes»-camas.

Temos ou não boas idéas?

Escrita

A proposito da transformação do Rossio perguntam-nos varios leitores como se deve escrever a palavra, que estavam habituados a ver com *c*, e agora vêm com *ss*, á antiga.

Escrevam como quiserem. Olhem: como se trata de transformar, escrevam *Rucio*, que é muito original.

Não vale ralar

Contam as folhas que um dia d'estes ia um policia n'um carro electrico e no mesmo carro certo assassino, fugido das cadeias e que um passageiro reconheceu, denunciando-o ao dito policia, o qual se limitou a encolher os hombros, de modo que o assassino se escapuliu sem incomodo de maior.

Nada temos que ver com o caso, que está bem dentro das cavalheirescas tradições portuguezas e se a ele aludimos é porque nos lembra outro, tambem policial, que revelamos por.



que a pessoa visada já lá está na terra da verdade e não ha perigo de que o governo a premeie com alguma condecoração.

Trata-se de um comissario de policia da capital d'um distrito do sul e que era a pontualidade em pessoa, qualidade primacial em todo o bom funcionario publico. Um dia, ou antes, uma noite, tendo chegado ao commissariado um telegrama com a nota de urgente, um dos guardas correu a casa do referido cidadão todo esbaforido:

- Sr. commissario! sr. commissario!
- Que é, homem?
- Está aqui um telegrama urgente para v. ex.ª.

O nosso homem, indignado:

— O' sua besta! Quantas vezes querem que lhes repita que só abro a correspondencia ás onze horas da manhã? Tem o merito de não ser mentira.

Torre de chifre

A enfermeira

*Quando os soldados se feriam
As enfermeiras sorriam
E curavam os desgraçados,
Não só os generaes
Como os outros officiaes:
Como até os soldaaos.*

*Punham algodão hidrofílico
Até em qualquer germanofilo,
Até no proprio inimigo,
Se o kaiser ficasse ferido
Seria tratado e afeudado
Atavez de todo o perigo.*

*As batalhas terminadas
Foram elas condecoradas
Mas a maior recompensa
Foi a voz da consciencia
N'uma grande independencia
N'uma alegria imensa!*

Al da P. Quintino

**Má pratica**

Cá temos outra mania, das muitas com que ultimamente os moralões querem transformar os costumes: o *Seculo*, desculpe-nos o papá, mas a lei é igual para todos, deu agora em descrever as *sovaqueiras*, os *vitiñarios* e outras figuras importantes, provavelmente para nos prevenirmos contra elas ou para que a policia as conheça.

E' uma deslealdade, que vai ofender a modestia de quem não deseja dar nas vistas, e uma prevenção a mais para as pessoas honestas, que já não tinham poucas. Não sabendo oficialmente com quem tratamos, nada nos obriga a mostrar desconfiança do proximo; de futuro, estamos bem servidos: a quantas pessoas de respeitabilidade teremos de deixar de apertar a mão!

Fado do bacalhau pôdre**MOTE**

*Quem vir pôdre bacalhau
Não o trate com desdem
Porque Deus também castiga,
Não diz quando nem a quem.*

GLOSAS

Causou muita sensação
Em terras de Portugal
O bacalhau cheirar mal
Como qualquer cidadão!
Pois se até o proprio pão
E' tão nojento e tão mau,
Se tem farinha de pau
E de trigo tem tão pouca,
Como pode abrir a bôca
Quem vir pôdre bacalhau?

Ha pessoas curiosas!
Não sabem o que lhes digo?
Que o nosso fiel amigo
Não pode cheirar a rosas.
Pois não são tão mal cheirosas
Mil outras coisas tambem?
Quando elas nos sabem bem
Perdoamos o fedor,
Coma o badejo, leitor,
Não o trate com desdem.

Como tudo anda por cá
Com tão grande carestia,
Quem sabe lá se algum dia,
Mesmo pôdre faltará?
Talvez quizesse *fote-gras*
Por este preço! Uma fígal
Não creia, pois, n'essa intriga,
Ou antes, n'esses boatos;
Não seja peor que os ratos,
Porque Deus também castiga.

Se havia de estar contente
A terra dos affacinhas
Por não comer só espinhas,
Ainda refila o dente!
E' pagar e ser prudente,
Não dizer mal do que tem.
Que se ao lojista convem
Por ganancia ou por capricho
Começa a vender só lixo,
Não diz quando nem a quem!

CARAPAU DE GATO.

EM FOCO**D. Antonio de Orléans y Bourbon**

*Dizem que vossa alteza está maduro!
E apresentam, em prova da desgroça,
O ter gasto com fêmeas muita massa,
Ou, em bom castelheiro, muito duro.*

*Pois eu, pelo contrario, afirmo e juro
Que se tal se deduz é por chalaça;
Fez o que outrem faria d'essa raça
Ou d'outra até, de sangue mais impuro.*

*Seria coisa assaz atrazadora
Julgar que uma pessoa perde o sizo
Por uma coisa que a ninguem desdoura.*

*Vou dar-vos um exemplo, se é preciso:
Pedi-me dez tostões uma senhora,
Dei-lh'os e estou sãosinho do juizo.*

BELMIRO.

Heterogeneidade

Não tarda que esteja resolvida a questão do barateamento do peixe, para o que ha já publicados muitos substanciosos projectos, tantos que, se nos podessemos alimentar de papel, substituiriam vantajosamente o dito comestível.

Um dos projectos, segundo diz um jornal, occupa-se ao mesmo tempo do custo do carvão, «muito de atender no estudo do problema». Pois decerto que é e escusado seria acentua-lo: sem carvão, nosso diabo se haviam de comer as belas das sardininhas assadas nas brazas?

Noticias de Fiume

Vamos agora explicar porque não se conseguia render Fiume pela fome, apesar de serem esses os desejos do governo italiano e de, na verdade, se terem cortado as comunicações com



aquela cidade, não se deixando entrar mantimentos alguns. Tal fenomeno — o de Fiume continuar abastecida — deve-se tambem ao genio de Gabriel

d'Annunzio, conforme passar os a expôr:

No primeiro dia em que a fome começou a fazer-se sentir, foi o poeta procurando, afim de providenciar, o que immediatamente fez, recitando as seguintes quadras:

*Comer?! Maldito costume!
Não vêdes que é deshumano
Comer enquanto Fiume
Não se tornar italiano?*

*Não reclameis, gente tonta,
Que isso não é de soldados!
E disse, Fazei de conta
Que estais todos almoçados.*

Com estes substanciosos versos se contentaram os homens e lá os foram digerindo até á hora do jantar, mas como essa hora lhes fosse dada pelo estomago, voltaram á carga, pelo que Gabriel d'Annunzio, inflamado, lhes verberou o que se vai ler:

*Pois outra vez, vilanagem?
Sabeis vós o que vos digo?
Sustentai-vos de coragem
E carne do inimigo!*

*De resto, gente infiel,
Contente deveis estar
Que versos de Gabriel
Sustentam mais: que um jantar.*

Não vale a pena traduzir os acepipes que o poeta serviu aos seus quando lhe foram pedir a ceia; fique-se, porém, sabendo que excederam os anteriores em inspiração, a qual, pelo que se vê, não foi uma coisa por aí alem.

Correspondencia

Lourenço G. B. — Toda a gente tem a mania de fazer versos! O' homem, porque não faz botas, que é officio tão rendoso?

A última rusga



—O' camarada: metemos esta gente no chelindró ou não?

—Não, bruto! As ordens são com as casas de tavolage e isto aqui é uma casa de batota!